

## **Avaliação na escola: literatura, um caso exemplar**

GINDRI, Ewerton Rezer.<sup>1</sup>  
(EE. 29 de Novembro/NEED)  
([ewertongindri@gmail.com](mailto:ewertongindri@gmail.com))

A escola desempenhou, ao longo de sua história, um duplo papel: o de ensinar de acordo com as “disciplinas” esperadas por uma sociedade dada, mas também o de formar sujeitos autônomos, críticos e capazes de operar mudanças, mesmo que através da subversão dos valores estudados. Nessa última tarefa, a literatura, especialmente se encarada como ferramenta para crítica social, perspectiva levantada, conscientemente, a partir do modernismo literário, pode servir de ponto de partida para inúmeros trabalhos.

Nas OCs do Estado de Mato Grosso, parte-se da perspectiva de que não é possível o ensino de literatura, mas tão somente “desenvolver um trabalho mediador entre o estudante e essa espécie de conhecimento – as obras literárias – de modo que ele possa ser estimulado a experimentar, por ele mesmo, o prazer de interagir com elas”, (Mato Grosso, 2012, pg. 104). Dessa forma, se tomada tradicionalmente, não se vislumbra a possibilidade de “avaliar” em literatura, já que nesse prisma avaliação está indissociavelmente relacionada ao ensino. Antes de se fazer apontamentos para a solução desse enigma – como avaliar sem ensinar – permita-se uma rápida divagação.

As últimas décadas do século passado foram de profundas transformações na sociedade. Viu-se a obsolescência tornar-se algo cotidiano, de maneira que o que nos cerca é o passado e temos que nos haver com suas marcas, enquanto o futuro parece fugir do real, colado a algum outdoor, do mês passado. O consumismo exacerbado, a diáspora (pós)moderna e a onipresença do mercado, dilaceram instituições e identidades, de maneira que vive-se um mundo em crise. Nesse contexto a capacidade de ler o mundo, ou, lembrando Paulo Freire, a palavramundo, nunca foi tão urgente. Assim “esse é propriamente o campo da teoria literária, a questão do ponto de vista do

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa e Literatura da EE. 29 de Novembro e de Comunicação Empresarial da UNIC – Tangará da Serra. Possui mestrado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso e é pesquisador do Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade da UNEMAT.

narrador, cujos fatos narrados refletem as redes de relações criadas a partir do que os personagens captam e filtram de sua realidade” (Mato Grosso, 2012, p. 109).

A adolescência é uma fase de descobertas intensas, e dúvidas frequentes. A identidade está em formação e talvez por isso, por ainda não ter uma identidade formada, não percebiam, os jovens, que a noção de identidade está em ruínas. A pós-modernidade relativizou as verdades, isso é um fato. Diante da incerteza, o conhecimento pode não representar uma baliza suficientemente segura, é necessário significá-lo, pois na era digital a informação prescinde de mestres e carece de relações e mediação. Portanto “a Literatura e as artes podem contribuir amplamente para essa finalidade, pois pressupõem, já dito, identidade e participação, na circunstância de ser a Vida que pensa nela mesma” (idem).

Adilson Citelli (2004) chama de “descompasso” a situação vivida pelas escolas em relação aos meios de comunicação e das novas tecnologias e mais de uma década após a publicação de seu texto ainda não podemos contrariá-lo, já que inúmeros são os casos que nos dizem da incapacidade de convivemos com suportes diferentes e linguagens digitais. O conhecimento passou a circular por outras vias e se a escola não as conhecer, como poderá guiar seus estudantes? Obrigará a esses jovens a trilharem os velhos caminhos de paralelepípedos dos saberes enciclopedistas? O mais provável é que a nova geração deixe seus velhos mestres a tatear num mundo virtual para o qual, inevitavelmente caminha-se.

No que tange o conhecimento literário, o professor fará essa mediação na medida em que se consolidar como leitor.

O professor de Língua Portuguesa e Literatura deve construir a própria história de leitura literária, considerando que a Literatura é um canal de relativização dos fatos, de percepção e valorização das diferenças, de aprofundamento no uso da língua, da emotividade. Ele deve sair de receitas, modelos e usos pedagógicos, porque a Literatura é inquieta e não busca modelos. (Mato Grosso, 2012, p. 109)

Dessa forma, uma relação de confiança deve ser instaurada entre estudantes, de diferentes níveis, pois falamos aqui de dois estudantes, um de ensino médio, matriculado em nossas escolas, e outro de nível superior, graduado em letras e lotado em nossas escolas, o professor. Esse será então o orientador, mediador entre aluno e obra literária, revestido da autoridade da experiência, do comprometimento e do respeito.

Em recente texto publicado pela Arte e Ciência Editora, Ronaldo Lins (2011) pergunta de maneira retórica “mas, então, por que literatura?” e responde:

o mundo, ainda ao alcance do olhar, entra na realidade da arte, senão como presença, como sombra. Ali está, suspirando com a insatisfação dos personagens e sofrendo com eles em meio aos dilemas que o afligem. A oposição mais séria se faz pelo jogo de sombras, no qual o literal desinforma e o metafórico revela. É como a corda se liga nos seus dois extremos. Quanto mais literal se mostra, mais a obra recua diante de seus ouvintes [...].(Lins, 2011, p. 27)

Essa brevíssima reflexão deve servir para se pensar a avaliação, recortando-se a questão da literatura. Primeiramente, vê-se que não será possível instrumentalizar a avaliação em literatura se a perspectiva acima analisada não for de conhecimento e aceitação da equipe escolar. Os instrumentos avaliativos estão intrinsicamente ligados ao currículo e qualquer mudança nas formas de avaliação deverá ligar-se a uma mudança no currículo.

Juntamente com a alteração curricular, no caso da Literatura, deverá existir uma transformação no projeto pedagógico da escola, já que o professor deverá trabalhar em consonância com ele. Se pensarmos um projeto pedagógico com vistas à aprovação de um grande número de alunos em exames externos, sejam eles ligados a universidades ou não, e se esses exames trabalharem com uma periodização da Literatura, será muito difícil para o professor que desejar uma abordagem crítica fazer uma avaliação formativa.

Consideramos que a proposta curricular, expressão da concretização esperada daquele projeto, deve ter na avaliação um ponto de apoio para atingir sua plenitude, isto é, para que cada conhecimento, competência ou habilidade sejam efetivamente atingidos por cada um dos alunos [...]. (Brasil, 2013, p. 15)

Durante o processo de mediação, o professor pode/deve avaliar seus alunos para saber exatamente o quanto andaram desde o ponto de partida e também para orientar-se na elaboração de suas próximas aulas. Contudo, numa prática somativa, os instrumentos avaliativos examinam mais do que avaliam. Por exemplo, se um professor pedir para que seja marcada a alternativa que contém as principais obras de Lima Barreto, nada mais faz do que examinar, de maneira superficial, a capacidade do estudante de decorar listas de nomes e datas. Se, por outro lado, ele desenvolver uma discussão em sala, e permitir que seus alunos compreendam interdisciplinarmente, o contexto sócio histórico de Lima Barreto, seu posicionamento político, sua prática estética, e viabilizar acesso à

obra de Barreto, tem-se uma abordagem que não se encaixa em provas de múltipla escolha, mas, talvez, com grupos de leitura, rodas de conversa e/ou trabalhos dissertativos.

Com esse procedimento, evita-se avaliações classificatórias, uma vez que o objetivo é o crescimento de todos, e não a “descoberta de talentos”. Cada um em seu ritmo, desenvolvendo sua própria performance, poderá, uma vez que os objetivos propostos para o estudo tenham sido discutidos e devidamente clarificados, ser avaliado por esse progresso. Dessa maneira a avaliação tornar-se-á formativa, já que os estudantes, orientados e instrumentalizados pelo professor, poderão alcançar as competências necessárias e, também com base nesse conjunto de competências, a escola poderá registrar o desempenho de seus matriculados sem incorrer no erro de classificá-los ou limitar sua leitura e criticidade.

### **Referências Bibliográficas**

Brasil, Secretaria de Educação Básica. Formação de professores de ensino médio, etapa I – Caderno VI: avaliação no ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Ocimar Alavarse, Gabriel Gabrowski]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

CITELLI, Adilson Odair. **Educação e mudanças: novos modos de conhecer**. In: **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática** / coordenador Adilson Citelli. – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2004. – (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 6)

LINS, Ronaldo Pereira Lima. **Por que Literatura?** In: **Nas dobras do mundo, a literatura acontece**/ Aroldo José Abreu Pinto, Madalena Machado, Walnice Vilalva (organizadores). São Paulo: Arte e Ciência, 2011.

Mato Grosso, Secretaria de Estado de Educação. Orientações Curriculares: Área de Linguagens: Educação Básica. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **A educação em tempos de neoliberalismo**. Porto Alegre: Artmed, 2003.